



A IMPORTÂNCIA DA ANTROPOLOGIA EM TOTEM E TABU

MATHEUS MAGALHÃES CAVALCANTI

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a influência da antropologia evolucionista na epistemologia freudiana ao escrever o livro Totem e Tabu. Será evidenciada a estratégia de utilizar-se do rigor etnográfico para validar a sua visão psicanalítica da origem do totem e, conseqüentemente, da civilização como uma resposta ao complexo de Édipo universalizado e assim universalizar a abordagem psicanalítica ao um contexto maior que a clínica.

Palavras-chave: Epistemologia, totem e tabu, antropologia, complexo de Édipo, Freud

ABSTRACT

This article aims to reflect on the influence of evolutionary anthropology on Freudian epistemology when writing the book Totem and Tabu. The strategy of using ethnographic rigor to validate his psychoanalytic view of the origin of the totem and, consequently, of civilization as a response to the universalized oedipus complex, and thus to universalize the psychoanalytic approach to a larger context than the clinical one, will be evidenced.

Keywords: Epistemology, totem and taboo, anthropology, Oedipus complex, Freud

INTRODUÇÃO

Totem e Tabu é publicado no início do século XX, em 1913. Dado isto, muito do que o autor escreve reflete imediatamente o paradigma teórico na qual ele construiu sua formação. Este artigo visa compreender como a antropologia e a escola evolucionista cultural influenciaram Freud em sua escrita e interpretação do que é totem. Ele adota a perspectiva evolucionista proveniente do século XIX, pois essa vertente epistemológica pregava que essa instituição, o totem, dita tribal, seria, para os evolucionistas, a primeira “etapa” na qual todas as culturas humanas necessariamente passaram por ela. Logo, pensar a gênese da civilização moderna seria, então, pensar a origem mitológica do totemismo.

Para tal, o livro Totem e Tabu será uma análise psicanalíticas de dados etnográficos retirados do principal objeto da antropologia do século XIX: Os aborígenes australianos. Que segundo a perspectiva paradigmática da época seriam o mais próximo de uma fase primeva, por isso facilitaria uma interpretação da origem a partir dos costumes e instituições provenientes daquele povo. Freud adota esta perspectiva e se debruça sobre vários dados trazidos por Frazer e outro etnólogos que se debruçam sobre estas instituições. Mostraremos como essa interpretação freudiana busca validar, de certa forma, casos comuns em indivíduos doentes na modernidade a uma origem primeva proveniente de uma ambivalên-



cia edipiana de trauma, culpa e remorso.

Para percorrer e demonstrar a estratégia de buscar universalidade dos casos psicanalíticos - como o complexo de Édipo e as mazelas da civilização - Freud buscou a validade científica, quase positivista, que habita a etnografia e a etnologia no começo dos séculos XX. Para facilitar a construção do edifício argumentativo, este artigo será dividido em três partes:

1- Entender como a perspectiva do evolucionismo cultural influenciou Freud a adotar tanto o método comparativo, quanto axiomas basilares como a progressão linear da “evolução” cultural, a fixação da civilização europeia ocidental como sendo o alvo da caminhada evolutiva e a universalidade das culturas humanas. Veremos como os escritos antropológicos foram importantes para nortear a caminhada do autor numa interpretação da gênese da civilização a partir de visão multidisciplinar entre a antropologia e a psicanálise.

2- Como de fato Freud consegue ressignificar a origem do totem a partir do complexo de Édipo. Numa comparação de textos etnológicos e uma leitura psicanalítica da exogamia e do horror ao incesto que são as principais características de um sistema totêmico. Freud relaciona o horror ao incesto a um mecanismo, proveniente da “obediência tardia”, que funcionava como uma censura universal de um possível episódio edipiano (FREUD, 1996, pg 151). Clinicamente, o complexo de Édipo é a castração do desejo que o filho cultiva por sua mãe. O agente castrador no complexo é a figura paterna, nesse ponto, o autor do livro concebe que a ambivalência, de admiração e ódio do filho pelo pai, se relaciona com o mito fundador da instituição totem, no banquete totêmico. Valendo-se de casos da clínica para assim fomentar a sua visão holística das neuroses modernas.

3- Mostraremos como a culpa, o remorso e a obediência tardia, proveniente da criação violenta do totem, são responsáveis pela criação da civilização e o mal-estar moderno. O autor interpreta a origem do mal-estar como proveniente da castração e da ambivalência herdada da origem da civilização, ou seja, do totem. tomando o axioma da universalidade das fases evolutivas, toda civilização nasce de um trauma de proporções ambivalentes após o assassinato do pai da horda primeva pelos filhos exilados e em como a exogamia e o horror ao incesto se apresenta em uníssono como uma obediência tardia.

I- Evolucionismo cultural.

A antropologia nos séculos XIX sofre da influência do paradigma positivista das ciências da natureza e, conseqüentemente, nas ciências humanas. A episteme, que viria a se realizar como a ciência que estuda os povos primitivos, é parte de uma tentativa de cientificar os dados coletados pelos viajantes, missionários e administradores das novas colônias europeias. A antropologia é acusada posteriormente nos manuais introdutórios de antropologia como sendo a ciência que serviu para ajudar a empreitada colonial justificando a interven-



ção europeia nas sociedades “primitivas”, num intuito de adiantar a caminhada evolutiva daquela sociedade. (LAPLANTINE, 2002). Porém antes de focarmos os erros da disciplina, devemos compreender o porquê que Freud adotou o conceito de evolução cultural.

O evolucionismo típico na antropologia do século XIX referenciava a ideia de desenvolvimento do século XVIII, por causa da influência de Darwin e do colonialismo. As ideias de um evolucionismo social derivam da pseudociência de Herbert Spencer, o filósofo social que funda o Darwinismo social. Pregando que o progresso e a sobrevivência do mais forte e exaltação às virtudes da competição individual, essa teoria deu vazão para diversas interpretações polêmicas, como as teorias racialistas que predominavam quase que em paralelo com as teorias antropológicas. Para se saber a influência dessa perspectiva controversa das teorias racialistas, podemos deter nossos olhos para a grande influência que esta teve sobre o Brasil. Ao analisarmos os escritos de Nina Rodrigue quando escreve *Os Africanos no Brasil* (1890) podemos vê-lo colocando em prática esse darwinismo social em que o branco é o mais forte e o negro “incapaz” é tido como inferior.

A principal intenção dos antropólogos evolucionistas, segundo Eriksen(2007, pg 35), era remontar os primórdios da evolução humana. Há um consenso, partilhado por antropólogos e sociólogos desde o início do século XIX de que existe uma unidade psíquica da humanidade, o que significa isso? Significa que os seres humanos nasciam aproximadamente com os mesmos potenciais e as diferenças biológicas não eram determinadas, mas em que fase material aquela civilização podia estar. Diferente do Darwinismo social e dos dizeres racistas o que era responsável pela diferença do estágio evolutivo daquela sociedade não era a raça e sim a cultura e seus costumes.

I.II - Método Comparativo e os axiomas evolucionistas.

Como foi descrito acima, o que importava para a antropologia evolucionista era que a unidade psíquica dos seres humanos permitiu formular a universalidade das culturas, por causa da uniformidade da capacidade psicológica de desenvolver a sociedade e a si mesmo, a diferença era ignorada e o objeto de muitos evolucionistas era justamente as similaridades. Os grandes “pesquisadores eruditos” (LAPLANTINE,2002) buscavam analisar os dados de terceiros na tentativa de buscar as similaridades culturais e assim esquematiza-las no intuito de alocar as sociedades em diferentes estágios. Os estágios são fases evolutivas que podem mudar seu conceito a partir da perspectiva de cada autor. Por exemplo Tylor(1832-1917) e Morgan (1818 - 1881), segundo Eriksen (2007, pg 35), acreditam na primazia das condições humanas e, por isso criam que as técnicas e os utensílios humanos descritos nas diferentes culturas poderiam caracterizar a fase na qual aquela sociedade se encontra. são elas:



- Selvageria: Coletores nômades considerados como estando na fase infantil da humanidade, sem instituições concretas.
- Barbárie: Povos sedentários que cultivam a terra e criam animais. Marcados pelo domínio da metalurgia e detentores de um germe do estado.
- Civilização: Detentores da escrita, religião monoteísta, estado consolidado, comércio desenvolvido e o progresso racional como ideologia central. (Marconi, 2010)

Segundo Marconi (2010, pg 247) essa sucessão unilinear da das fases humanas acontece pois:

[...] os diferentes grupos humanos partiram, em tempos remotos, de uma condição geral de carência de cultura e, devido à unidade da mente humana e à consequente resposta similar a estímulos externos e interno, evoluíram em todas as partes aproximadamente do mesmo modo, parecidos... embora alguns estivessem mais adiantados do que outros...

É exatamente onde podemos encontrar o momento em que Freud, ao escrever o primeiro capítulo de Totem e Tabu, toma quanto referência para pensar uma origem da civilização um estágio primevo e até hipotético. Pois, seguindo a lógica evolucionista, obrigatoriamente todas as civilizações ou culturas, deveriam ter passado daquela fase que ele descreve na terceira parte do livro.

Assim como Tylor, Freud equipara cultura como civilização, um termo qualitativo. Cultura assim, pelo menos implicitamente, se torna uma questão de grau: todos têm, mas não em quantidade igual. A humanidade consistia em grupos que eram aculturados em vários graus e distribuídos nas fases da evolução cultural (ERIKSEN, 2007, pg 36). A percepção que Freud adota não cataloga explicitamente em seu texto as fases que determinadas culturas se encontram, porém fica bem claro a escolha que ele faz ao examinar os povos aborígenes, povo que ele considera o mais atrasado e o menos complexo de analisar o objeto alvo do livro (FREUD, 1996, pg 21).

Freud deixa bem claro a sua intenção de analisar as similaridades culturais com perspectivas psicanalíticas, logo no início do livro onde ele evoca que a análise só pôde ser feita porque ele cria que a unidade psicológica da humanidade permitiria que ao destrinchar a cultura do povo aborígene, povo primitivo, ele alcançará uma relação com o povo civilizado moderno.

Se essa suposição for correta, uma comparação entre a psicologia dos povos primitivos, como é vista pela antropologia social, e a psicologia dos neuróticos,



como foi revelada pela psicanálise, está destinada a mostrar numerosos pontos de concordância e lançará nova luz sobre fatos similares às duas ciências (FREUD, 1996, pg 21).

É através de um mergulho significativo e erudito de Freud sobre a extensa obra de Frazer (1854-1941), que podemos observar como o autor genebrino concebe essa similaridade entre as culturas num apanhado significativo de dados a serem analisados com uma perspectiva psicanalítica. Podemos dizer que Frazer influencia diretamente em Freud na sua viagem pelos tantos argumentos e dados da etnologia. Frazer, voltando para a vertente epistemológica do evolucionismo, ajuda ao autor de Totem e Tabu até no que se refere ao método

Segundo Espina Barrio (2008, pg 45), a face do método abordado por Freud é bem semelhante a de Frazer quando se refere “ao emprego do recurso de pensar como deve ter pensado o homem primitivo, e de sentir como ele deve ter sentido nas perdidas épocas originárias”. Esse aspecto de projetar as etapas ontogenética do indivíduo no passado será mais trabalhado na segunda seção deste artigo. Mas podemos adiantar que a reconstrução da origem se configura sim como um axioma do evolucionismo. Laplantine (2002), no seu manual introdutório sobre antropologia, coloca que uma das principais intenções dos “pesquisadores eruditos”(os antropólogos) era o de conceber a gênese das instituições primitivas e Freud se agarra a essa concepção, soma a conceitos etnológicos e análises de clínica para conceber a origem traumática do totemismo enquanto instituição e antecessor direto da civilização como um todo.

II - Totem e Édipo

Remontar a origem da civilização a partir de uma instituição “primitiva” - O totem. Pedia que Freud conhecesse bem o terreno na qual ele estava se lançando. Exímio conhecedor da tradição evolucionista e grande leitor de Frazer, o autor genebrino se apropria dos axiomas antropológicos e passa a tratá-los de maneira psicanalítica buscando uma relação ambivalente comum a clínica, entre a origem do totem e a origem da condição psicossomática do complexo de Édipo.

O primeiro capítulo do livro, O horror ao incesto seria todo focado justamente nessa resposta primitiva a possível universalidade do desejo sexual do filho com a mãe. O totem, que para os australianos, toma o lugar das instituições religiosas e sociais e divide a sociedade aborígine em grupos menores chamados de clãs de acordo com o seu totem. Para essa sociedade o totem pode ser, via de regra, um animal e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural, que mantém uma relação peculiar com todo o clã. (FREUD, 1996) No texto, Freud enfatiza uma característica que servirá de base argumentativa para a sua tese da origem do totem no tempo primevo: Em primeiro lugar, o totem é o antepassado



comum do clã.

Porém, além da característica ancestral do totem para o clã, o que realmente atraiu os psicanalistas é justamente o que foi colocado antes como uma das principais funções do totem na organização clânica, pois é o totem que rege as leis contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente contra seu casamento. Ou seja, o totem fomenta a manutenção da exogamia entre aqueles que adotam essa instituição como central de sua sociedade.

II.1 - Exogamia

O totem é, de fato, tomado como um ancestral comum daqueles que pertencem a essa divisão na qual adota determinado totem como sendo seu. A perspectiva que todos aqueles que são do mesmo totem são parentes consanguíneos é muito forte, formando assim uma família única “e, dentro dela, mesmo o mais distante grau de parentesco é encarado como impedimento absoluto para as relações sexuais” (FREUD, 1996, pg 25). Por causa disto as punições são severas quando esta lei é infligida. Desde espancamentos públicos até a morte quando gerado o filho desse ato. Freud frisa muito bem que o alvo desta “estrutura” montada é o filho.

Uma vez que os totens são hereditários não mutáveis pelo casamento, é fácil acompanhar as conseqüências da proibição. Por exemplo: onde a descendência se faz pela linha feminina, se um homem do totem canguru casar-se com uma mulher do totem em todos os filhos, tanto os rapazes como as meninas, pertencerão ao clã emu. Assim os regulamentos totêmicos tornarão impossível a um filho desse casamento manter relações sexuais incestuosas com a sua mãe ou irmãs, que são emus como ele próprio (FREUD, 1996, pg 25).

Tendo em vista essa intenção de castrar o possível desejo do filho em casar-se ou manter relações sexuais com a mãe, Freud explicita que dessa forma a exogamia vinculada ao totem performa uma proibição social desta relação incestuosa entre mãe e filho. Para tal, utiliza-se, por diversas vezes, de citações de Frazer do livro *Totemism And Exogamy* (1910) onde o autor vitoriano compila vários casos em diversos grupos “primitivos” apontando a relação entre o totem e os costumes de proibição. Freud apropria-se destes dados para comparar e acrescentar a perspectiva psicanalítica comparando a mentalidade “primitiva” com uma mente infantil semelhante a vida mental dos pacientes neuróticos”. A psicanálise nos ensinou que a primeira escolha de objetos para amar feita por um menino é incestuosa e esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã”(FREUD, 1996. pg 35). Essa relação de desejo, descrita antes nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, o autor compara, de certa forma, este com o complexo de Édipo, fundador das neuroses e assunto central da formação do ser humano.



II.II - Origem do totem através da horda primeva

Antes de adentrarmos na construção do mito fundador do totem e conseqüentemente da civilização, devemos abandonar o ponto de vista que explica o horror ao incesto como sendo um instinto inato. Ou da exogamia como provedora de uma higiene ou uma luta contra a eugenia buscando espalhar o código genético entre os clãs. Freud busca conceber uma saída histórica para essa relação entre a origem do totem e o complexo de Édipo. Baseando-se principalmente num estado social de homens primitivos, proposto por Darwin(1871), a horda primeva; Atkinson(1903) configurando as relações dessa família ciclópica baseada na horda de Darwin; os casos da clínica como o do jovem Hans e do pequeno Árpád; e o conceito de refeição totêmica de Robertson Smith(1894) para conceber a origem do totem nascido de uma relação neurótica entre os filhos primevos e o pai castrador da família ciclópica.

A horda primeva é, para Charles Darwin, o estado social dos homens primitivos. Baseando-se principalmente nos hábitos dos símios superiores, ele deduziu que o homem vivia originalmente em grupos ou hordas relativamente pequenos, dentro do quais o ciúme do macho mais velho e mais forte impedia a promiscuidade sexual (FREUD, 1996, pg 135). Logo, os machos mais novos impossibilitados de possuir a fêmea e seriam, em certo momento, impelidos a uma homossexualidade compulsória ou a uma revolta contra o macho dominante no intuito de roubar seu lugar perante os outros. É interessante observar como o homem primevo adota um comportamento animal baseado na força, como se o próprio comportamento humano não existisse ou desse a vez, completamente, a neurose apresentada anteriormente

Atkinson foi o primeiro etnólogo, segundo Freud (1996, pg 135), a perceber na hipótese da horda primeva que o comportamento castrador do macho dominante seria o responsável pela exogamia dos filhos, ou dos mais jovens na horda. Uma vez que eles são capazes de se afastar da organização ciclópica centrada na figura paterna para criar, a moldes parecidos, seu próprio núcleo primevo. Esse macho ciumento será representado, comumente, como o pai que proíbe a prole de se relacionar com as demais fêmeas que o pertencem.

Em relação aos casos da clínica, Freud frisa a relação entre o fato do totem se apresentar, comumente, como um animal e ancestral comum ao fato de que alguns casos de neuroses encontrados em pacientes infantis se parecem com a adoção do totem pelos “primitivos”. Uma vez que para o autor, existe uma semelhança dada entre a psicologia dos primevos e a mentalidade, por assim dizer, das crianças neuróticas. (FREUD, 1996, pg 136). Para tal, o autor evoca o caso emblemático do menino Hans, descrito pelo autor no ensaio “Análise de uma fobia num menino de cinco anos” onde é descrita a fobia neurótica do menino Hans



por cavalos (FREUD, 1996, pg 138). O pai do menino foi transfigurado, simbolicamente, na mente de Hans, em cavalo e Freud entendeu que isso acontecia pois o garoto “encarava o pai (como deixou bem claro) como um competidor nos favores da mãe, para quem era dirigidos os obscuros prenúncios de seus desejos sexuais nascentes” (FREUD, 1996, pg 138).

É aí que a semelhança conceitual entre a figura totêmica e a figura do pai começa a se relacionar e se mostrar como o complexo de Édipo, que o autor considera “o complexo nuclear das neuroses”. Como foi feito isso? Freud observou que ao deslocar os sentimentos para com o pai em um animal a relação com o totem se torna intuitiva. Pois a relação Pai-Animal é uma resposta comum a criança que se alivia do conflito emocional, ambivalente, para com o pai transferindo seus sentimentos hostis e temerosos em um substituto animal.

Com isso a construção de uma relação ambivalente, de temor (trauma) e admiração é dada pela complexidade que o autor encontra na relação entre o pequeno Hans e seu pai. Hans o admirava por ter os favores de sua mãe e possuir o membro fálico maior, simbolizando assim mais força física e moral perante o seu que era menor e demonstrava seu caráter inferior frente ao pai. E o temor vem, justamente, dessa superioridade física e a proibição da execução de seu desejo sexual de possuir a mãe. O pai se torna o agente castrador e aquele que promove a neurose edípica na figura do filho.

A primeira consequência de nossa substituição é nobilíssima. Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições do tabu que constituem seu âmago -- não matar o totem e não ter relações sexual com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe, assim como os dois desejos primários das crianças, cuja repressão insuficiente ou despertar formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses. (FREUD, 1996, pg 141)

Podemos observar, aqui, como o axioma do evolucionismo cultural da universalidade das culturas humanas e a percepção da unidade psíquica dos seres humanos influi sobre a percepção da relação entre a neurose individual do jovem Hans e sua adoção de animais como substituto dos sentimentos ambivalentes para com o pai e a instituição totêmica que também adota, em sua maioria, animais como patronos e antepassados paternos.

O método “histórico” que recria o mito fundante do totemismo é criado por Freud como uma amálgama do que descrito acima e a visão do banquete totêmico que Robertson Smith trás em *Religião os Semites* (1889). Onde existia uma festa institucionalizada que permitia a morte do totem para consumo ritualístico. Ou seja, uma vez no ano a proibição de



matar o animal totêmico era morto e consumido. Se lembrarmos que o animal totêmico é configurado como ancestral comum do clã a imagem simbólica que o consumo da carne totêmica configura é a de um canibalismo generalizado que Freud, mais a frente, centraliza como uma introjeção formadora da instituição totêmica.

II.III - O mito

A psicanálise revelou que o animal totêmico é, na realidade um substituto do pai e isto está em acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto, é uma ocasião festiva -- com o fato de que ele é morto, entretanto, pranteado. A atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta frequência persiste na vida adulta, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai (FREUD, 1996, pg 149).

A morte do totem, no banquete, simboliza também a morte do pai. algo que remete imediatamente ao complexo de Édipo. Como ocorre essa morte? quem a executa? E por que prantear a morte do totem, ou do pai?

Freud, como dito antes, junta conceitos chave da etnologia para reinterpretá-los pela visão psicanalítica, mas sempre com alguns axiomas da antropologia evolucionista em seu arcabouço. Num passado filogenético do homem (BARRIO, 2008), o pai da família ciclópica (ou horda primeva) é a figura central da organização familiar, onde só a ele é permitida a posse das fêmeas e os filhos, fruto dessa relação é castrado (metaforicamente) de copular com as fêmeas desse núcleo. A ele resta ou relações homossexuais com os irmãos ou a migração (exogamia) até outro núcleo a fim de construir um núcleo ciclópico semelhante ao seu de origem. Certo dia, ocorre a união dos irmãos neuróticos e pelo número conseguem matar o pai totêmico. O que importa na análise freudiana da morte do pai totêmico não é como a morte se deu. Mas como os irmãos se comportaram após o assassinato.

III - A origem da civilização

Após a morte do pai, Freud coloca que, assim como o banquete totêmico, o pranto e o luto deve ser generalizado e o que mais marca a pós morte do líder da horda primeva pois segundo o autor de Totem e Tabu o que se reproduz é uma ambivalência clínica a culpa e o remorso por ter matado o pai cai sobre os ombros dos irmãos parricidas. Eles odiavam o pai e ao mesmo tempo o admiravam-no.

O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos, de acordo com o procedimento psicológico que nos é tão familiar na psicanálise, sob o nome de 'obediência adiada'. Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão



da reivindicação às mulheres que agora tinham sido liberadas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que por essa própria razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo (FREUD, 1996, pg 151).

Decidi por colocar a citação completa de Freud, por ela sintetizar o que ocorre posteriormente ao parricídio e em como a fundação do totemismo, segundo a análise psicanalítica depende de axiomas etnológicos. Como o autor crê na universalidade das culturas ele pensa a modernidade a partir de uma evolução que toma a origem do totemismo, advinda da morte do pai primevo e o sentimento ambivalente proveniente do complexo de Édipo está alocado nas entranhas da civilização, permitindo afirmar que a origem das neuroses modernas está relacionada com a origem da civilização.

REFERÊNCIAS

ERIKSEN, Thomas Hylland .História da antropologia. Petrópolis : Vozes, 2007

ESPINA, Ángel B. Barrio. Freud e Lévi-Strauss: influências, contribuições e insuficiências das antropologias dinâmica e estrutural. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2008.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. in:Obras psicológicas de Sigmund Freud: edição standard brasileira - Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal estar na civilização In: Obras psicológicas completas (Vol.XIII pg 13-169). Rio de Janeiro: Imago, 1978.

LAPLANTINE, François. Aprender antropologia .São Paulo: Brasiliense 2003

MOREIDA, Jacqueline de Oliveira (2004). Édipo em Freud: o memento de um teoria in Psicologia em estudo, Maringá, V.9,n.2, p. 219-227.

MEZAN, Renato. Freud, pensador da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MARCONI, Marina de Andrade / Antropologia: uma introdução / Marina de andrade Marconi, Zélia Maria Neves Presotto - 7.ed. -3. Reimpr.- São Paulo: Atlas, 2010.